

Conjuntura Consultoria indica que 42% da economia poderá ter expansão mesmo em um cenário negativo “Colchão” pode evitar queda do PIB

Cláudia Trevisan
De São Paulo

A economia brasileira não terá no próximo ano nenhum setor que puxa o crescimento de maneira isolada. Mas alguns deles funcionarão como um “colchão”, que poderá amortizar o impacto de um eventual cenário negativo e impedir que o PIB tenha quedas dramáticas. Apesar de não ter peso suficiente para funcionar como a locomotiva da economia, as exportações estão no recheio desse “colchão”, ao lado da extração de petróleo, agricultura e setores do PIB que têm comportamento inelástico ou crescimento vegetativo em consequência do aumento populacional.

Estudo da Tendências Consultoria indica que 42% do PIB deverá crescer pelo menos 2,5% em 2003, ainda em um cenário negativo, que inclui turbulência mas não rupturas, como um eventual default. Esse percentual garantiria que a economia não tivesse uma contração maior que 0,5%, na previsão mais pessimista. Na mais otimista, a economia poderia crescer de 2,0% a 2,5%.

Os 42% são formados por agropecuária, extração de petróleo e parcela dos serviços públicos e privados que crescem mesmo com desaquecimento econômico. Os aluguéis, por exemplo, representam 13% na formação do PIB e costumam ter expansão média 2% ao ano. A extração de petróleo tem crescido de maneira expressiva, em razão dos investimentos da Petrobrás, voltados para a obtenção de auto-suficiência em 2005. Apesar de o setor ter peso relativamente baixo na formação do PIB (2,66%), “ele contribui para injetar dinamismo direta e indiretamente na indústria”, afirma o estudo da Tendências, feito pelos economistas Fernando Montero e Juan Jensen.

A Petrobras conquistou em 2002 a média de extração de 1,5



milhão de barris por dia, que deverá subir para 1,7 milhão de barris/dia no próximo ano.

A substituição de importações também pode ganhar impulso no próximo ano e estimular a atividade da indústria, acredita Júlio Sergio Gomes de Almeida, diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi). Gomes de Almeida também aposta no aumento de exportações de produtos industriais e na realização de investimentos e consumo que estão represados desde 2001.

“Há poucos setores que poderiam fornecer impulso ao crescimento no próximo ano”, observa Jorge Simino, diretor do Unibanco Asset Management. O economista ressalta que o comércio exterior (exportações e importações) equivale a cerca de 17% do PIB, percentual que em países asiáticos supera os 50%. Mas apesar de ter impacto limitado, as vendas externas são importantes para dinamizar determinados setores, como o de agronegócios, acrescenta Simino.

Para o diretor do Unibanco, os serviços também serão relevantes para a performance da economia. Com uma contribuição de 56,6%, o setor é o que mais pesa individualmente na composição do PIB. “A recessão tem de ser muito profunda para que haja queda em serviços”, observa.

Os números do IBGE (Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística) comprovam a tese. Entre o segundo trimestre de 2001 e o mesmo período de 2002, os serviços tiveram crescimento constante, apesar de o ritmo ter diminuído nos últimos meses.

A indústria é o setor que tem o segundo maior peso na formação do PIB, com 36,0%. Em seguida, vem a agropecuária (7,4%). Dos três segmentos, a indústria foi o único que apresentou queda a partir do último trimestre de 2001. Mas o subsetor de extração mineral, no qual está incluído petróleo, foi o que mais se expandiu desde o segundo trimestre do ano passado, atingindo o índice de 5,45% entre abril e junho de 2002. A agricultura teve alta semelhante (5,32%) e ficou em segundo lugar. Depois aparecem os serviços, que tiveram crescimento de 1,74% de abril a junho.

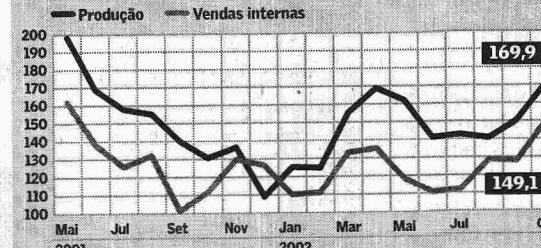
Montero e Jensen afirmam que a retomada do crescimento depende basicamente do resgate da confiança no país. Mesmo nesse cenário, também haveria fatores “inelásticos”, que atuariam no sentido contrário e limitariam a taxa de crescimento.

Entre eles, está a demora do setor produtivo em retomar investimentos mesmo depois de restabelecida a confiança. Segundo os economistas, esse “gap” costuma ser de 1 a 2 trimestres. Outros elementos que podem inibir a atividade são as altas taxas de juros e a necessidade de ajuste do setor público, que levará ao corte de despesas ou à absorção de renda genuína do setor privado.

No primeiro semestre, o comércio exterior já desempenhou a função de “segurar” o PIB, mas principalmente pela queda das importações, afirma Jensen. “O que não deixou a economia cair foram as exportações líquidas (descontadas as importações).” A partir do terceiro trimestre, as exportações subiram ainda mais, o que poderá influir no resultado do PIB.

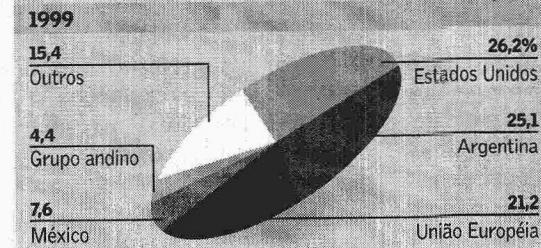
As compras

Desempenho da indústria automobilística (em mil unidades)



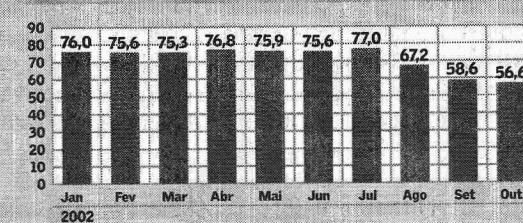
Novas fatias

Exportações do setor automotivo (jan-set/ em %)

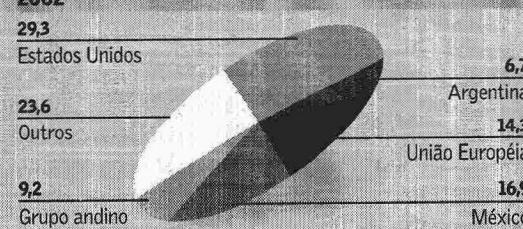


Fonte: Anfavea

Participação do carro popular (em %)



2002



Fonte: Anfavea